

ESTUDO DE CASO SOBRE O AUTISMO: PERCEPÇÃO MATERNA ACERCA DO DESENVOLVIMENTO EMPÁTICO INFANTIL

Isabel Maria Conceição Silvano¹
Cleomayra Tomaz da Silva²
Vitória Nunes Vidal³
Edizângela de Fátima Cruz de Souza⁴
Lilian Kelly de Sousa Galvão⁵

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) consiste em um transtorno do neurodesenvolvimento que é caracterizado por déficits na interação social e comunicação, e padrões de comportamentos estereotipados e restritos, podendo se apresentar em diferentes formas e níveis. Esses comprometimentos podem interferir significativamente na vida social do indivíduo, a exemplo da empatia, assim como os estudos mostram. Desse modo, o objetivo desse estudo de caso foi analisar a percepção materna sobre o desenvolvimento da empatia em uma criança com TEA, por meio de questões qualitativas e um questionário sociodemográfico para conhecer o perfil da mãe e do seu filho, com perguntas sobre o diagnóstico e as terapias realizadas sobre a criança. De acordo com os dados analisados, a mãe informou que sua filha se sente entristecida quando observa uma pessoa em situação de angústia ou sofrimento, percebendo e manifestando a intenção de ajudar aqueles que sofrem. De forma semelhante, parece sentir empatia por personagens de séries, filmes ou desenhos. No entanto, ela conclui que nem sempre sua filha demonstra se coloca no lugar do outro. Logo, de acordo com a percepção materna, foi possível perceber sentimentos empáticos na criança e outros, em desenvolvimento. A partir desses resultados podem-se fomentar discussões sobre a empatia no TEA, com a indicação da realização de novos estudos com amostras mais amplas que explorem melhor os resultados encontrados.

Palavras-chave: TEA, empatia, crianças.

¹ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba-PB, isabelconceicaoasilv@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba-PB, cleomayra.tomaz@academico.ufpb.br;

³ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba-PB, vickynunesvidal@gmail.com;

⁴ Mestranda pelo Curso de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba-PB, edizangela.cruz@outlook.com;

⁵ Professora orientadora: Doutora em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba-PB, liliangalvao@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

A empatia é a capacidade cognitiva e emocional de compreender e se identificar com os sentimentos e emoções de outra pessoa, além de responder a essa compreensão com cuidado, consideração e compaixão (Hoffman, 2000).

Tal construto é considerado por Hoffman (2000) e por outros autores como multidimensional. Particularmente, Davis (1980) divide o estudo da empatia em dois componentes – cognitivo e afetivo. A empatia cognitiva é definida pela compreensão da perspectiva do outro, subdividida, para fins de pesquisa, em duas dimensões: tomada de perspectiva, que significa colocar-se no lugar do outro, e fantasia, refere-se a colocar-se no lugar de personagens fictícios. A empatia afetiva é a sensibilização com a dor do outro, de modo que também se subdivide, para fins de pesquisa, em duas dimensões, a consideração empática, definida como a sensibilização com a dor do outro e o comportamento pró-social (motivação para ajudar), e a angústia pessoal, que diz respeito a angústia sentida no *self* pela dor do outro (Davis, 1980; Shamay-Tsoory, 2011).

O processo do desenvolvimento da empatia começa desde os primeiros anos de vida, e se manifesta desde o modo mais simples até a forma mais complexa, influenciado pelas experiências sociais, fatores biológicos, genéticos e estímulos dentro do contexto social e familiar (Hoffman, 2000; McDonald; Messinger, 2011).

Por sua importância nos aspectos do desenvolvimento humano e das interações sociais, a empatia desempenha um papel fundamental na promoção de relacionamentos saudáveis, comportamento pró-social e habilidades de resolução de conflitos, bem como, na influência do comportamento altruísta, no cumprimento das regras sociais, a preocupação com o bem-estar de outras pessoas e o desenvolvimento de um senso de justiça (Hoffman, 2000; McDonald; Messinger, 2011). Atualmente, a empatia é muito estudada em outros países, mas carente de estudos brasileiros relacionados a crianças autistas (Guimarães; Roza, 2021; Ortega, 2018).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por um conjunto de sintomas, dos quais incluem: comportamentos e padrões restritos e repetitivos de comportamento ou atividades, interesses incomuns ou incômodos a estímulos sensoriais, e déficits persistentes na interação social e na comunicação (APA, 2022). A apresentação e a gravidade dos sintomas podem variar de pessoa para pessoa, de modo que a necessidade do suporte da pessoa diagnosticada com o TEA é identificada através

dos níveis, podendo ser classificados como nível de suporte um, dois ou três (APA, 2022; SBP, 2019).

Geralmente, os sintomas tornam-se perceptíveis, em média, após 1 a 2 anos de idade. Nesse sentido, pode-se buscar detectar os casos precocemente com o objetivo de que ocorra intervenções terapêuticas relacionadas às dificuldades que impactam no funcionamento da vida diária da criança, com intervenções referentes à psicologia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outros. Porém, o diagnóstico pode ser realizado em qualquer etapa da vida. Na realidade, é muito comum o diagnóstico tardio, por conta de diversos fatores relacionados à variabilidade dos sintomas, carência de informações, conscientização ou falta de acesso a serviços de saúde para uma avaliação adequada (SBP, 2019).

As dificuldades da criança com TEA podem impactar nas habilidades sociais, tendo a possibilidade de influenciar no desenvolvimento da empatia, pois os sintomas do autismo podem acarretar em dificuldades no contato visual, no reconhecimento das emoções que as outras pessoas demonstram e em dificuldades na interação (Assumpção, 1999 *et. al.*; Ortega, 2018). Além disso, estudos mostram a possibilidade do comprometimento na pessoa com TEA na teoria da mente, que se refere a capacidade de entender e inferir nos estados mentais de outras pessoas, o que pode afetar a dimensão cognitiva da empatia (Blair, 2005; Shamay-Tsoory, 2011).

Sobre a dimensão afetiva, estudos apontam que pessoas com TEA apresentam essa dimensão preservada, havendo déficits, em alguns casos, na empatia cognitiva, ou seja, na capacidade de se colocar na perspectiva do outro (Blair, 2005; Guimarães; Roza, 2021; Ortega, 2018).

Diante disso, o objetivo do presente estudo é analisar a percepção de uma mãe sobre o desenvolvimento da empatia de sua filha, uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma vez que essa temática é extremamente relevante, atual e pouco estudada no contexto brasileiro.

METODOLOGIA

Delineamento

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, que se refere a uma estratégia de pesquisa que permite investigar e analisar casos específicos, possibilitando a compreensão de aspectos subjetivos envolvidos em um fenômeno, dentro de um contexto da vida real e atual (Carneiro, 2018).

Participante

O estudo de caso foi realizado com a mãe da criança, a principal cuidadora, uma mulher com 34 anos de idade, dona de casa, com estado civil de união estável, renda familiar de 1 a 3 salários mínimos, de religião evangélica e com o ensino médio incompleto.

A filha da participante tem 10 anos de idade, ingressou na escola com 2 anos e atualmente é estudante da 5^o série, do ensino fundamental I, de escola pública. Tem três irmãos, recebeu o diagnóstico de TEA com 3 anos e meio, e tem o diagnóstico de autismo nível de suporte 1, sem comorbidades, com a utilização de um medicamento antipsicótico atípico. Realiza terapia desde os três anos e meio e atualmente faz terapia psicopedagógica e de educação artística.

Instrumentos

A pesquisa foi conduzida com base em um roteiro semiestruturado, com quatro conjuntos de perguntas, que abordam o conceito de empatia e suas dimensões (consideração empática e angústia pessoal, fantasia e tomada de perspectiva). Além disso, utilizou-se um questionário sociodemográfico a respeito de informações pessoais como idade, renda, escolaridade, estado civil e religião da mãe, bem como informações relacionadas ao diagnóstico de TEA, irmãos e escolaridade da criança.

Procedimento

O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CAAE: 58608322.7.0000.5188), seguindo todas as normas, assim sendo, a mãe entrevistada leu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), depois, a entrevista ocorreu em um ambiente adequado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente foi explorado o conceito de empatia, para investigar o que a mãe entendia sobre empatia. Por meio da análise da resposta da entrevistada, se percebe que há uma abordagem tanto de aspectos afetivos (sente a dor do outro), quanto cognitivos (se coloca no lugar do outro) do construto.

Ao longo das questões indagadas, a mãe relatou que sua filha manifesta o comportamento de sensibilização com a dor do outro, pois a menina fica mal quando ver pessoas chorando:

“é tanto que eu evito chorar na frente dela, porque ela também começa a chorar, ela vem faz um carinho, ela pergunta o que é que tá acontecendo. Quando é alguém de fora, ela diz que vai fazer uma oração na cabeça” (Mãe de menina com TEA de 10 anos).

Quando questionada sobre a empatia afetiva, de como a filha dela se sente e se comporta ao observar uma pessoa em situação de angústia ou sofrimento, ela menciona exemplos do convívio dela com a criança, dizendo:

“outro dia a gente tava na rua e ela viu um rapaz sentado no chão, acho que ele morava na rua mesmo, aí ela foi e disse "olha mamãe o pobrezinho, porque a gente não compra uma comida e dá a ele porque a gente sempre toma café na rua, aos sábados, então eu entendi que ela entendeu que aquela pessoa tava na rua, mesmo sendo criança com as dificuldades, ela entendeu a situação dele” (Mãe de menina com TEA de 10 anos).

Em resumo, de acordo com os relatos da mãe sobre a empatia afetiva, a menina demonstra sensibilidade afetiva dentro e fora de casa, mesmo com os déficits que tendem a impactar as habilidades sociais da pessoa com TEA. Em conjunto com os estudos de outros países, realizados por meio da percepção dos pais, professores e auto relatos, pode-se inferir que as com TEA apresentam as medidas de empatia afetiva de forma preservada (Deschamps *et al.*, 2014; Jones *et al.*, 2010; Kilroy *et al.*, 2022; Ortega, 2018; Scheeren *et al.*, 2013).

No que se refere a dimensão de empatia cognitiva, sobre a fantasia, a criança também chora muito com filmes e músicas, tanto que a mãe diz evita colocar filmes que envolvam cenas de sofrimento, porque é provável que a criança chore. Contudo, na dimensão cognitiva intitulada tomada de perspectiva, a mãe declara que apesar da criança se colocar aparentemente no lugar do outro, em algumas situações, especialmente com crianças, ela apresenta dificuldades:

“às vezes também ela tem umas atitudes. Vamos supor ela tá brincando com alguma criança, ela pega o brinquedo de alguma criança e fica olha não te dou, não te dou’ muitas vezes ela vê que a criança diz ‘me de’, mesmo assim ela continua, por isso que eu digo nem sempre, aí eu vou repreendo, faça isso não, olha ela tá chateada, tá chorando, devolva o brinquedo pra ela" ai ela vai e devolve".

Fazendo uma análise desses resultados, em relação a empatia cognitiva, a criança, a partir do relato materno, parece conseguir se colocar no lugar de personagens de filmes e séries, entretanto, a dimensão tomada de perspectiva ainda demonstra estar em desenvolvimento, sobretudo nas relações com seus pares (crianças). Supõe-se que esta imaturidade, deve-se às dificuldades comuns às crianças com TEA de reconhecer as emoções

faciais e de entender as regras sociais (Assumpção, 1999 *et. al.*; SBP, 2019; Blair, 2005). Nesse processo de desenvolvimento, a literatura aponta o importante papel da socialização parental no direcionamento de comportamentos negativos e no desenvolvimento das habilidades sociais de forma adequada, conforme a mãe entrevistada diz tentar fazer (“faça isso não, ela está chateada, ta chorando...”) (McDonald; Messinger, 2011; SBP, 2019).

Como já foi mencionado, resultados de outros estudos mostram que as pessoas com TEA enfrentam dificuldades para dispor da empatia cognitiva, mas não apresentam prejuízos na empatia afetiva (Blair, 2005; Deschamps *et al.* (2014); Kilroy *et al.* (2022); Guimarães; Roza, 2021; Ortega, 2018). Esses resultados são congruentes com os do estudo de caso realizado, mesmo se tratando de amostras maiores e delineamentos mais robustos. Porém, como o TEA é um transtorno amplo que abrange diversos fatores que podem influenciar no desenvolvimento da pessoa sugere-se a realização de novas pesquisas.

A empatia é uma habilidade que pode ser aprendida e aprimorada ao longo do tempo, então intervenções terapêuticas, a família e a escola podem ajudar indivíduos com TEA a desenvolver habilidades empáticas e melhorar sua qualidade de vida e bem-estar emocional, pois a influência do contexto no qual a criança está inserida é fundamental para ocorrer os estímulos no desenvolvimento social e cognitivo da criança com TEA.

Por fim, é importante comentar que as dificuldades em determinados aspectos em um componente específico da empatia não significa que a criança não disponha de empatia, uma vez que a partir do relato da mãe fica perceptível a sensibilidade empática demonstrada pela criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, buscou-se analisar a percepção materna sobre a empatia de uma menina com TEA, por meio das vivências diárias que a mãe observa e analisa na criança, com uso de um delineamento qualitativo para coleta e análise de dados. Os resultados revelaram que a criança manifesta as dimensões da empatia de forma preservada, com exceção de situações pontuais relacionadas à empatia com outras crianças, especificamente a dimensão da tomada de perspectiva, no qual a mãe busca intervir de forma pró-ativa.

Identificamos limitações na pesquisa, por se tratar da análise de um único caso, sobretudo porque o TEA é um transtorno complexo com diferentes nuances sintomatológicas, o que dificulta pensar o caso de forma mais abrangente.

Sugere-se que futuras pesquisas realizem estudos mais amplos, incluindo um número maior de participantes com TEA para analisar as suas experiências em relação à empatia. Além disso, seria importante investigar o impacto do ambiente social e familiar no desenvolvimento da empatia em crianças com TEA, bem como a eficácia de intervenções ou estratégias específicas para promover a empatia nessas crianças. Adicionalmente, considerar a perspectiva das próprias crianças com TEA sobre a empatia e incluir a avaliação de profissionais especializados no transtorno para enriquecer a compreensão sobre o tema.

Espera-se contribuir com a discussão e conscientização sobre o autismo e empatia ao tratar-se de uma temática pouco estudada no Brasil e oferecer um ponto de partida para investigações futuras mais aprofundadas, para desenvolver abordagens terapêuticas e educacionais mais eficazes.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR)**. 5. ed. Washington: Associação Psiquiátrica Americana, 2022.

ASSUMPÇÃO JR, F. B. SPROVIERI, M. H., KUCZYNSK, E., FARINHA, V. Reconhecimento facial e autismo. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 57 n. 4 p. 944-949, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0004-282X1999000600008> Acesso em: 13 nov. 2023.

BLAIR, R. J. R. Responding to the emotions of others: Dissociating forms of empathy through the study of typical and psychiatric populations. **Consciousness & Cognition**, v. 14, n.4, p. 698-718, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.concog.2005.06.004> Acesso em: 1 dez. 2023.

CARNEIRO, C. O estudo de casos múltiplos: estratégia de pesquisa em psicanálise e educação. **Psicologia USP**, v. 29, n. 2, p.314-321, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420170151> Acesso em: 14 nov. 2023.

DAVIS, M. H. A multidimensional approach to individual differences in empathy. **JSAS Cata-logof Selected Documents in Psychology**, v.10, p.85, 1980.

DESCHAMPS, P. K. et al. Empathy and empathy induced prosocial behavior in 6-and 7-year-olds with autism spectrum disorder. **Journal of autism and developmental disorders**,

v.44, n.7, p.1749-1758, 2014. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10803-014-2048-3> Acesso em: 4 dez. 2023.

HOFFMAN, M.L. **Empathy and moral development: Implications for caring and justice.** Cambridge University Press, 2000.

JONES, A. P., HAPPÉ, F. G., GILBERT, F., BURNETT, S., VIDING, E. Feeling, caring, knowing: different types of empathy deficit in boys with psychopathic tendencies and autism spectrum disorder. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v.51, n.11, p. 1188-1197, 2010. Disponível em: <http://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2010.02280.x> Acesso em: 3 dez. 2023.

KILROY, E. et al. Motor performance, praxis, and social skills in autism spectrum disorder and developmental coordination disorder. **Autism Research**, v.15, n.9, p.1649-1664, 2022. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/aur.2774> Acesso em: 17 nov. 2023.

MCDONALD, N. M, MESSINGER, D. S. Empathic responding in toddlers at familial risk for an autism spectrum disorder. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 42, n.8, p.1566–1573, 2012.

ORTEGA, V. R. Empatía en autismo: concepto y medición. **Revista CS**, n.25, p.191-21, 2018.

ROZA, S.A., GUIMARÃES, S. R. K. Empatia Afetiva e Cognitiva no Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma Revisão Integrativa da Literatura. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.27, n.4,p.1053-1070, 2021. Disponível em: [v.27,n4,2021.indd \(scielo.br\)](v.27,n4,2021.indd (scielo.br)) Acesso em: 20 nov. 2023.

SCHEEREN, A. M., KOOT, H. M., MUNDY, P. C., MOUS, L., BEGEER, S. Empathic responsiveness of children and adolescents with high-functioning autism spectrum disorder. **Autism Research**, v.6, n.5, p.362-371, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/aur.1299> Acesso em: 1 dez. 2023.

SHAMAY-TSOORY, S. G. The neural bases for empathy. **Neuroscientist**, v.17, n.1, p. 18-24 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1073858410379268> Acesso em: 28 nov. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de Orientação: Transtorno do Espectro do Autismo**, 2019 Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento.